

movimentos de abolição. O negro livre inicia sua penetração nos meios sociais dado ao fato de ser a linha de cor quase inexistente.

Traçando um quadro da herança cultural negra, o autor se refere às sobrevivências religiosas e ao sincretismo das religiões e cultos, assim como a alguns elementos de nítida origem africana que permanecem no folclore brasileiro.

Ao tratar do negro na estrutura ocupacional, o nosso autor se preocupa não apenas em ressaltar as áreas de penetração do elemento negro, como também faz questão de assinalar os nomes dos elementos negros que se notabilizaram no cenário nacional e até os que ultrapassaram nossas fronteiras. Contudo, é reduzido o número desses negros notáveis, e isso se deve às dificuldades impostas pelo leve traço da linha de cor.

Todas as informações fornecidas pelo autor nessa obra, permitem ao leitor uma ampla visão da situação do negro no Brasil, e pretende mostrar que aqui o estudo dos problemas surgidos nas relações raciais é levado muito à sério e preocupa realmente nossos líderes e cientistas.

IRENE F. BARBOSA

* *
*

RAMOS (Arthur). — *As culturas negras*. Casa do Estudante. Rio de Janeiro. 1971. 2ª edição.

Trata-se do terceiro volume da Introdução à Antropologia Brasileira, da Coleção "Arthur Ramos", sob os auspícios da Casa do Estudante do Brasil, numa reedição da obra publicada em 1943.

Pelo momento histórico, no qual apareceu; pela seriedade do seu conteúdo; pela riquíssima bibliografia consultada, (são mais de duas mil referências bibliográficas), esta obra continua sendo ainda hoje a primeira tentativa de sistematização dos estudos antropológicos em nosso meio, abrindo novas perspectivas para trabalhos e pesquisas posteriores.

O presente volume é dedicado às Culturas Negras, para uma visão de conjunto da Antropologia Física e da Etnologia brasileira, num estilo fluente, analítico, corajoso e personalista.

O estilo literário do Professor Arthur Ramos foi sempre admirado, pois tem algo de inconfundível. Poderíamos dizer que a sua breve existência (1903-1949), tivesse sido queimada pela sede da produção literária. Entre cursos, conferências, discursos e comunicações que realizou, teses que defendeu, seminários e mesas-redondas que promoveu, contam-se 96. De 1926 a 1947 pu-

blicou 2 teses, 6 opúsculos e 17 livros. A sua bibliografia geral é constituída de 458 trabalhos originaís publicados.

Médico por vocação, aprovado com distinção em 1926 pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a defesa de sua tese de doutorado, "Primitivo e Loucura", foi Arthur Ramos um pesquisador analítico e apaixonado sobretudo da presença do Negro na cultura brasileira. Na opinião de eminentes críticos nacionais e estrangeiros, ele é ainda "a nossa mais alta autoridade" nos estudos afro-brasileiros. E tudo isso é bem demonstrado neste volume, que prima por uma distribuição original do assunto, com dados novos de pesquisa direta, seguindo o conselho do grande bandeirante nestas pesquisas, Nina Rodrigues: "recompôr os fragmentos da cultura afro-brasileira nas suas fontes africanas". Examina, pois, as culturas africanas para o indispensável cotejo comparativo com as sobrevivências brasileiras.

Como decorrência disso, notamos em Arthur Ramos um espírito corajoso e combativo, insatisfeito com muitas teorias e com esquemas predeterminados por autores de renome internacional, porque vítimas de preconceitos ideológicos, ou duma visão unilateral do problema, ou anteriores às descobertas mais recentes do *Homo Afer*. Entre outros casos, poderíamos citar os nomes de Deniker (pág. 24), Huxley (pág. 25), Leo Frobenius (pág. 28), Calógeras (pág. 49), Spix e Martius (pág. 175), etc.

Ao longo dos oito capítulos desta sua obra, que sozinha seria suficiente para lhe dar fama internacional de pesquisador honesto e incansável, o autor nos dá uma visão de conjunto, após uma análise completa das características dos vários grupos de sobrevivências culturais identificadas no Brasil. Aparecem, assim, os grupos Yoruba-Nagô, com as suas características físicas, sua cultura, sua mitologia e suas cerimônias religiosas. O grupo Gêge no Brasil com a sua cultura daomeiana. O grupo Mina com o seu *folk-lore* da cultura Fanti-Ashanti. O grupo Malé no seu contexto islamizado. O grupo Bantú, com a sua magnífica cultura material, com a sua organização social e política e com suas práticas religiosas e mágicas.

Contribui Arthur Ramos, com este trabalho de fôlego e em larga escala para a dosagem certa das proporções das raças africanas, e o panorama dos povos negros importados no Brasil fica, desta maneira esboçado em seu quadro geral.

Ao corrigir os equívocos dos métodos evolucionistas puros e fugindo a todo o sociologismo romântico do Negro, o autor procurou seguir os ensinamentos do método histórico cultural, aperfeiçando e completando em vários pontos o próprio mestre Nina Rodrigues, (pág. 134, 136, 173, 176).

Concluindo, fazemos nossas as palavras de Renato de Mendonça, amigo pessoal do nosso autor, desde menino, em Alagoas, e ex-Embaixador do Brasil em Gana, quando diz:

“A obra de Arthur Ramos — um autodidata e um *great scholar* — poderá apresentar falhas, mas não deixa sobretudo na sua investigação honesta e segura, de ter aberta a grande clareira na floresta, de modo a permitir o pouso de naves de maior vôo”.

FREI GIOVANNI BOZIC

* * *

*

PIERSON (Donald). — *Branco e pretos na Bahia*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. Brasileira nº 241.429 pp. 2ª edição brasileira. 1971. (Título geral: *Negroes in Brazil*).

O autor é um jovem norte-americano, enviado pela Universidade de Chicago para completar suas pesquisas de doutoramento na Bahia. Por isso, a obra assume aspectos interessantíssimos, enriquecidos pela seriedade dos esquemas rígidos, próprios dos anglo-saxônicos; pela disciplina metodológica, própria da Universidade de Chicago; pelo entusiasmo do jovem pesquisador, sob a orientação teórica do seu velho Professor Robert E. Park; pela originalidade e riqueza de elementos colecionados ao longo de vários anos de magistério na própria Universidade da Bahia; pela clareza da disposição didática do rico material, característica fundamental numa tese de doutoramento; e pela enorme capacidade de observação, que lhe mereceu propriamente o convite formal da Direção da Universidade da Bahia a permanecer entre nós e continuar como pesquisador e como catedrático.

A obra constitui um “a solo” nesta literatura afro-brasileira, que tende a progredir em número e qualidade de produção, porque Donald Pierson é um dos primeiros e um dos únicos sociólogos norte-americanos, vindo dum país do racismo legalizado, compreender com precisão a posição do Negro no Brasil, expor com serenidade as conquistas “do campo”, entusiasmar-se com os valores descobertos, corroborar a sua opinião com os autores brasileiros, regozijando-se com a identidade das conclusões alcançadas por caminhos tão diferentes.

Após várias introduções e a apresentação do próprio mestre no assunto, Arthur Ramos, o autor, a começar da pág. 91, inicia o trabalho propriamente dito, numa sequência de cinco partes: O Cenário, A Escravidão, Miscigenação, Raça e *status* social, Herança africana, A Situação racial baiana. Somente na quinta parte desenvolve diretamente o título da obra: “Branco e Pretos na Bahia”.

Impressionam duas soberbas “bibliografias”, que ocupam numa sequência alfabética bem trinta páginas, de 398 a 429. Trata-se dum “Bibliografia Seleccionada”, da primeira edição, e uma “Bibliografia Adicional”. Isso constitui algo